



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA MODALIDADE A
DISTÂNCIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA MODALIDADE A DISTÂNCIA**

A ESCOLA COMO LUGAR: UMA ANÁLISE À LUZ DA SOCIOLOGIA ELIASIANA

JOÃO PESSOA – PB

2021

JULIANA BARROS DE OLIVEIRA

A ESCOLA COMO LUGAR: UMA ANÁLISE À LUZ DA SOCIOLOGIA ELIASIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena

O48e Oliveira, Juliana Barros de.

A escola como lugar: uma análise à luz da sociologia eliasiana / Juliana Barros de Oliveira. - João Pessoa, 2021.

48f.

Orientação: Ricardo de Figueiredo Lucena.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia – modalidade à distância) – UFPB/CE

1. Escola - lugar. 2. Sociologia eliasiana. 3. Norbert Elias. I. Lucena, Ricardo de Figueiredo II. Título

JULIANA BARROS DE OLIVEIRA

A ESCOLA COMO LUGAR: UMA ANÁLISE À LUZ DA SOCIOLOGIA ELIASIANA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciado (a) em Pedagogia.

Aprovado em: 09 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. **Ricardo de Figueiredo Lucena**
Doutor em Educação, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
(orientador/a)

Profa. Dra. **Giuliana Cavalcanti Vasconcelos**
Doutora em Educação, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
(examinadora interna)

Profa. Ma. **Ruth Barbosa de Araújo Ribeiro**
Mestra em Educação, Universidade Estadual da Paraíba, Brasil
(examinadora externa)

Aos meus avôs e avós, pelas raízes ancestrais.
Aos meus pais, pelo amor e amparo.
A Kleber e Kaleb, amores das minhas vidas.
Ao Mestre Zé da Luz, por vir me auxiliando.

AGRADECIMENTOS

Em todo ciclo que se inicia e se fecha em nossas vidas é necessário agradecer. A gratidão abre as portas para que sejamos receptivos aos presentes que vêm chegando, bem como é imprescindível para que possamos fazer o reconhecimento daqueles (as) que nos acompanham do início ao fim de uma jornada.

Gratidão ao Poder Superior, força Criadora do universo, por mais uma oportunidade de aprendizado na área que o meu espírito escolhe atuar profissionalmente nessa existência: a Educação. Grata a Cristo Jesus e aos Mestres Ascencionados da Luz, que continuam a me auxiliar nas estradas das vidas. Gratidão ao Mestre Zé da Luz por vir me orientando e auxiliando, no tempo. Gratidão pelo amor, auxílio e amparo, Mestre!

Agradeço aos meus pais pelo amor, carinho, cuidado e dedicação. Aos meus avôs, Ascendino (*in memorian*) e Severino (*in memorian*). Às minhas avós, Maria Anunciada e Felizbela (*in memorian*), ambas analfabetas, mas avós de uma professora! Que através de cada criança, adolescente, adulto e pessoa idosa que chegue até mim eu possa continuar honrando e agradecendo a sabedoria que venho aprendendo com os senhores e as senhoras, representantes da minha ancestralidade na Terra.

Aos sobrinhos que alegam minha vida: Maria Sophia e Pedro Miguel.

Ao maravilhoso professor orientador, Ricardo de Figueiredo Lucena, por mais essa parceria acadêmica e por ter me permitido aprofundar os estudos e pesquisas embasados na obra desse teórico ímpar que é Norbert Elias.

Às professoras que forma a banca de defesa: Giuliana Vasconcelos, avaliadora interna e professora da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II – e à professora Ruth Ribeiro, avaliadora externa. Agradeço a ambas pela presença na banca de avaliação e pelo auxílio no que tange ao processo de lapidação da pesquisa e escrita.

Agradecimento especial à coordenação e aos professores do curso de Pedagogia na Modalidade à Distância da Universidade Federal da Paraíba, em especial aos professores (as) que contribuíram sobremaneira para a minha formação: professora Dra. Marília de Franceschi Neto Domingos, professor Edson Guedes e professora Ana Paula Furtado S. Pontes. O senhor e as senhoras tornaram o curso de Pedagogia à distância mais “suportável”, mais leve e mais humano, auxiliando sempre os alunos (as), especialmente em um momento marcante e difícil como a pandemia. Minha terna gratidão!

Gratidão à professora Sônia Matias, mestra querida dos cursos preparatórios para concurso, verdadeira fonte de inspiração e de encorajamento para que eu aceitasse o desafio

de me graduar em meu terceiro curso superior. Sou grata pelo exemplar de profissionalismo que és, professora!

Grata às tutoras presenciais do polo Conde-PB, Paloma e Selda, pelo suporte e pelas informações prestadas no decorrer do curso.

Agradeço aos colegas do curso de diversas turmas que me acolheram e me acolhem com tanto carinho, em especial ao pessoal que faz parte do grupo de WhatsApp UFPB-Pedagogia (P_8). Por vezes esse grupo foi meu suporte e fonte segura de informações a respeito de trâmites acadêmicos. Gratidão aos colegas!

Às colegas de grupo de pesquisa que continuam a contribuir sobremaneira para as discussões e debates acerca da obra de Norbert Elias, a exemplo de Ruth, Renally e Jordânia. Grata pela partilha, carinho e acolhimento.

Aos amigos que compartilham comigo mais uma vitória: Vânia Cristina e Victor Braga Gurgel, irmãos gerados por outras mães, irmãos de alma! Agradeço um tanto a vocês!

Gratidão à querida amiga historiadora, pedagoga e doutoranda Priscila Morgana Galdino pela amizade e por estar sempre ao meu lado, compartilhando saberes e aprendizados. A gente vem se encorajando mutuamente nessa correria de graduação e pós, né, amiga? Que continuemos assim, nos aprimorando mais e mais.

Agradeço a minha família verdadeira, família espiritual do Centro Espiritualista Ramatis - CER e o Centro Espiritualista Alvorada Nova-CEAN. Sou grata pela oportunidade de reencontrá-los (as) nessa existência. Gratidão a esses dois lugares que considero como minhas verdadeiras fontes perenes de luz, paz e amor. Agradeço ao dirigente geral desse trabalho de luz, Sérgio Beltrão, por ser esse pai espiritual que eu amo um tanto e que vem auxiliando a mim e a minha família consanguínea incontáveis vezes. Gratidão ao senhor e a todos (as) que formam a minha continuidade, que formam a minha verdadeira família espiritual, extensão de amor da minha família universal, que é a humanidade inteira!

Aos queridos diretores Jesualdo, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Antenor Navarro e à diretora Célia, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor João José da Costa, pelo apoio, confiança e aprendizado.

Agradeço aos meus eternos alunos (as) das escolas em que trabalho atualmente: EEEFM Professor João José da Costa e EMEF Antenor Navarro. Gratidão por virem me auxiliando a honrar o meu ofício de professora.

Ao meu amado companheiro Kléber Nascimento, verdadeiro manancial de parceria, amor, guarda e serenidade. Incansável sentinela que o Poder Superior me envia, verdadeira presença de luz em minha existência. Uma honra vir casando com o senhor, construindo nossa

família a cada dia e vir recebendo o presente que o Poder vem nos dando nesse ano de 2021: o nosso amado filho, Kaleb.

Kaleb, meu filho: se a minha vida é um livro, pode confiar que o senhor é página mais bonita e mais singela de toda essa escrita! Amo-te, meu amor. Gratidão ao Poder Superior por vir me escolhendo para ser sua mãe nessa existência aqui na Terra.

Agradeço aos queridos Iara Machado e Ricardo Gomes pelo apoio psicológico e terapêutico, respectivamente, nessa trajetória.

Gratidão a Andreza Dias pelos cuidados com Kaleb para que eu pudesse ficar um pouco mais tranquila na minha jornada de mãe, professora e graduanda, a fim de que eu pudesse vir escrevendo este trabalho com mais tranquilidade e vir concluindo meu terceiro curso superior. Gratidão também à amada Geórgia, pelos cuidados pediátricos com Kaleb.

“Para ter força, sê um artesão das palavras. A força de um ser é a sua língua e as palavras são mais eficazes que qualquer forma de luta” (Merikaré, último faraó da X dinastia egípcia).

RESUMO

Escola: local onde a educação formal acontece. Lugar: termo derivado do conceito de espaço, apresentando significado e representatividade. O objetivo principal dessa pesquisa é analisar a ideia de escola como lugar à luz da sociologia proposta por Norbert Elias, direcionando tal discussão para os estudos que versam sobre as instituições escolares. Este trabalho também se propõe a investigar o conceito de lugar numa perspectiva interdisciplinar, unindo-se isso à busca por uma compreensão da ideia de lugar a partir da obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, de Elias e Scotson (2000), além de outros estudos do mesmo autor, que alicerçam o cabedal teórico que compõe a pesquisa, a exemplo de livros como *O Processo Civilizador* (1994), *A Teoria Simbólica* (1994), *A Sociedade dos Indivíduos* (1994), *Introdução a Sociologia* (2008) e o texto *A Civilização dos Pais* (2012). A metodologia utilizada nesse estudo foi a pesquisa de referencial bibliográfico, em que se procedeu ao levantamento de artigos e livros cujos autores (as) versam sobre a temática trabalhada. Por fim, entende-se que a escola é um lugar praticado, demarcado por afetos, sentimentos e memórias daqueles indivíduos que a dotam de significado, caracterizando-a como uma figuração, conforme se observa a partir das constatações de Elias (2008), tomando-a na condição de objeto e *locus* de pesquisa da área de Educação, a fim de que sua importância social e as transformações pelas quais as instituições escolares passam, no decorrer da trajetória humana, sejam compreendidas e analisadas.

Palavras-chave: Escola. Lugar. Sociologia Eliasiana. Norbert Elias.

ABSTRACT

School: place where formal education happens. Place: term derived from the concept of space, presenting meaning and representation. The main objective of this paper is to analyze the idea of school as a place from the perspective of sociology studied by Norbert Elias, directing this discussion to the researches about school institutions. This work also proposes to investigate the concept of place in an interdisciplinary perspective, joining this to the search about the idea of place from the book *The established and the outsiders: sociology of power relations from a small community*, by Elias and Scotson (2000), as well as other studies by the same author, which underpin the theoretical background that makes up the research like *The Civilizing Process* (1994), *The Symbolic Theory* (1994), *The Society of Individuals* (1994), *Introduction to Sociology* (2008) and the text *The Civilization of Parents* (2012). The methodology used in the study was the bibliographic reference research, in which articles and books were surveyed whose authors deal with the theme studied. Finally, it is understood that the school is a place demarcated by affections, feelings and memories of those individuals who endow it with meaning, characterizing it as a figuration, as observed by Elias (2008), taking it as an object and locus of research in the area of Education, so that school takes a social importance and the transformations that school institutions undergo, throughout the human trajectory, are understood and analyzed.

Key words: School. Place. Sociology studied by Norbert Elias.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O CONCEITO DE LUGAR NA PERSPECTIVA DE DIFERENTES AUTORES (AS)	18
3 A IDEIA DE ESCOLA COMO LUGAR À LUZ DA SOCIOLOGIA ELIASIANA ...	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

Escola: lugar que contribui para a instrução de uma parcela considerável de indivíduos em todo mundo. Seja em comunidades, locais e países diferentes, a escola é sinônimo de local onde a educação formal acontece, podendo ser também um ambiente de socialização e integração para crianças, jovens e adultos. De dimensões e tamanhos diferentes, laica ou confessional, rural ou urbana, a escola é, para tantas gerações, uma referência que remete a memórias recônditas e sociabilidades que fazem dela algo a mais do que apenas um espaço educativo.

Lugar: termo derivado do conceito de espaço, mais amplo e abrangente, abarcando outros conceitos como paisagem, território, ambiente entre outros. O lugar é basicamente um espaço dotado de significado, ou seja, dotado de representatividade para quem o frequenta, se fixa e/ou nele reside. É, portanto, um espaço eivado de afeto e sentimento, caro ao coração e à memória, daí ser um ponto ao qual se pode retornar e recordar.

Nesse trabalho visamos questionar: o que transforma a escola em lugar? Quais os elementos a dotam de representatividade e sentido para que seja reconhecida enquanto tal? Se as emoções e sentimentos transformam o espaço escolar em lugar, de que maneira é possível estudar sobre isso e, de forma mais aprofundada, como é possível investigar a escola como lugar à luz de uma perspectiva analítica que una as noções de indivíduo e sociedade, de maneira complementar, assim como se propõe a sociologia calcada na produção de Norbert Elias? Em suma, como a ideia de escola, na condição de lugar, pode ser analisada à luz das contribuições da Sociologia Eliasiana?

Esses são alguns questionamentos que conduzem esse estudo para tomá-lo como resposta ou, pelo menos, como elemento indicativo para apontar uma compreensão a esse respeito. De tais indagações nasceu a propositura dessa pesquisa, cujo objetivo principal é o de analisar a ideia de escola como lugar à luz da Sociologia Eliasiana.

Denominou-se neste trabalho, desde o seu título, a produção de Norbert Elias como Sociologia Eliasiana, ou seja, Sociologia balizada nas análises deste autor, que traz a propositura e explicitação de alguns importantes conceitos por ele empregados em suas obras, a exemplo do conceito de figuração ou configurações já referenciado neste trabalho, bem como os meandros das relações complementares entre sociedade e indivíduo e as interdependências, às quais também já se foi feito menção em nossa escrita.

Norbert Elias (1897-1990) nasceu na Alemanha. Sociólogo de formação, ele iniciou

sua atuação como professor na década de 1920, na Universidade de Heidelberg (1924-29) e anos depois, na Universidade de Frankfurt (1929-33). Com a ascensão do nazismo e subida de Hitler ao poder para ocupar a chancelaria alemã, Norbert Elias, que era judeu, fugiu do país para escapar com vida. Refugiando-se primeiramente em Paris, iniciou a escrita, em 1939, de uma de suas obras mais conhecidas *O processo civilizador*. Após breve estada na França, muda-se para a Inglaterra, onde continua suas pesquisas e trabalhos.

A morte dos pais do autor nos campos de concentração nazistas é, sem dúvida, um fato marcante em sua vida. Este segue trabalhando em suas pesquisas mas, por não assumir uma cátedra de ensino em universidades europeias consideradas como sendo de maior renome, tem seu trabalho pouco reconhecido no contexto europeu e mundial até aproximadamente a década de 1970. Dos espaços que ocupou no meio acadêmico o primeiro se deu em Leicester (1954) e o segundo em Gana, na África, no início da década de 1960. De acordo com Veiga (2011),

Na biografia de Elias (1897-1990), destacam-se duas peculiaridades do seu percurso intelectual: a tardia inserção e reconhecimento acadêmico e a grande dispersão no processo de publicação e circulação de suas principais obras, *A sociedade de corte* e *O processo civilizador*. Isso impossibilitou, de um lado, a discussão das suas ideias no contexto e no tempo em que foram produzidas, e, por outro, no momento em que passam a circular, anos 1970 e 1980, se fizeram de forma descontínua, espaçada e incompleta (VEIGA, 2011, p. 145 [grifos da autora]).

O autor continuou publicando e trabalhando até 1990, quando faleceu na Holanda. Deixou o legado de inúmeras obras que trabalham a Sociologia numa perspectiva única, sendo os seus postulados, legados metodológicos e ideias a respeito de conceitos como configurações, interdependências, sociedade, indivíduo e civilização – apenas para citar alguns – utilizados por pesquisadores (as) da Sociologia e das diversas áreas do conhecimento humano, a exemplo da Antropologia, Educação, Filosofia, História entre outras.

Quando se trata da presença da ideia de lugar na obra de Norbert Elias, mesmo que este não utilize a formulação de um cabedal conceitual específico para este termo, destaca-se a pesquisa executada pelo autor em parceria com J. L.Scotson. Tal pesquisa trata a respeito de um distrito operário inglês denominado ficticiamente de Winston Parva pelos autores. Nesse estudo a análise das relações entre os moradores dão a tônica da obra intitulada *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*.

Enfatiza-se que Norbert Elias é um sociólogo cujas obras que produziu não trazem necessariamente uma compilação hermética sobre o conceito de lugar. Elias não escreveu

sobre o lugar, enquanto conceito, mas sobre um lugar – a comunidade de Winston Parva – em sua obra *Os estabelecidos e os outsiders*. Da observação eliasiana acerca deste lugar é que propomos aqui uma perspectiva para deslindar uma compreensão sobre o conceito de lugar, entendendo-se isso numa condição e por meio daquilo que a Sociologia Eliasiana oferece para uma melhor assimilação sobre esta ideia. Em suma, este item de nosso trabalho propõe relacionar os conceitos de lugar e de escola analisando-os através da Sociologia Eliasiana.

Já o interesse em aprofundar os estudos acerca da categoria lugar surgiu desde a graduação em História, quando estudamos a respeito das origens e ocupação do bairro de Jaguaribe, localizado na área central da capital paraibana, abrangendo o contexto histórico que vai de 1930 a 1960¹ e tratando diretamente, em algumas de suas passagens, sobre o cabedal de conhecimento que envolve a categoria lugar. Em seguida, em dissertação² de nossa autoria acerca do bairro de Jaguaribe na memória de seus moradores idosos, os termos espaço e lugar foram novamente discutidos e analisados, somando-se a isso as análises que já haviam sido iniciadas a esse respeito, desde a graduação em História.

Os estudos específicos sobre escola na condição de lugar foram iniciados através da pesquisa de nosso trabalho acadêmico de pós-graduação (tese de doutorado)³, momento em que abordamos esta categoria de análise interpretativa em um dos capítulos do referido escrito. Desde então, algumas leituras sobre o tema vêm sendo acrescentadas às nossas discussões, proporcionando perspectivas interpretativas mais ampliadas. Dessa vez, direcionou-se ainda mais a discussão sobre lugar para a área de Educação e, mais precisamente, para os estudos acerca das instituições escolares.

Coadunando com esse ponto de vista acerca da necessidade de se estudar a noção de escola como lugar, este trabalho apresenta como um de seus objetivos específicos, no item intitulado *O conceito de lugar na perspectiva de diferentes autores (as)*, a propositura de se investigar a ideia de lugar numa perspectiva interdisciplinar. Para tanto, realizou-se um levantamento acerca de tal conceito na produção de autores (as) de diferentes áreas do conhecimento, a exemplo de Certeau (2009) e Nora (1993) na área de História e Tuan (1983) na área de Geografia, bem como se buscou constituir uma compreensão sobre outros

¹ Monografia apresentada na graduação de Licenciatura em História (Universidade Federal da Paraíba-UFPB) intitulada **O Bairro de Jaguaribe: origens, ocupação e formas de uso do seu espaço**, sob orientação da professora Dra. Regina Célia Gonçalves.

² Dissertação de Mestrado intitulada **O Bairro de Jaguaribe na memória dos seus moradores idosos**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História-PPGH da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, no ano de 2012, também orientada pela professora Dra. Regina Célia Gonçalves.

³ Tese de doutorado intitulada **A escola entre-vista: uma análise das interdependências entre a Escola Estadual Professor João José da Costa e o bairro da Torre (1984-2019)**, orientada pelo professor Dr. Ricardo de Figueiredo Lucena. A tese foi defendida no dia 04 de dezembro de 2020.

conceitos que, assim como lugar, são derivados da ideia de espaço, tais como as noções de paisagem, território, ambiente entre outros.

No item seguinte da pesquisa, intitulado *A ideia de escola como lugar à luz da sociologia eliasina* buscou-se, em um primeiro momento, compreender a ideia de lugar a partir da análise da obra *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, de Elias e Scotson (2000). Essa obra foi escolhida justamente por que ambos os autores tratam acerca de uma pesquisa realizada junto a uma comunidade inglesa chamada por eles com o nome fictício de Winston Parva. Apesar de não ser o objetivo principal de ambos construir um arcabouço conceitual sobre a ideia de lugar em sua pesquisa, Elias e Scotson (2000) tratam a esse respeito ao esboçarem os meandros das relações entre os moradores (as) da área pesquisada e a comunidade de Winston Parva em si, investigação essa cujos resultados contribuiriam sobremaneira para pensarmos a respeito da ideia de lugar na obra de Norbert Elias e, por conseguinte, em nosso trabalho.

Além da citada obra de Norbert Elias, outros estudos do mesmo autor também foram analisados e alicerçam o cabedal teórico metodológico que compõe esta pesquisa, a exemplo de livros como *O Processo Civilizador* (1994), *A Teoria Simbólica* (1994), *A Sociedade dos Indivíduos* (1994), *Introdução a Sociologia* (2008) e o texto *A Civilização dos Pais* (2012).

Ainda referente a este item da pesquisa, buscou-se relacionar os conceitos de lugar e de escola tomando por base a produção de autores (as) da área de Educação que versam sobre instituições escolares, a exemplo de Frago e Escolano (2001), Ghiraldelli Junior (1990), Kowaltowski (2011), Magalhães (2004), Nosella e Buffa (2013), Trilla (1985) entre outros. Com o fito de unirmos os estudos acerca da ideia de escola à noção de lugar, observamos as pesquisas sobre instituições escolares investigando-as por meio dos conceitos de lugar sobre os quais já havíamos nos debruçado quando da elaboração do segundo item de nossa pesquisa.

A metodologia utilizada nesse estudo foi basicamente a pesquisa de referencial bibliográfico, em que se procedeu ao levantamento de artigos, texto, livros e trabalhos cujos autores (as) versassem sobre a temática trabalhada ou correlata. Após a leitura desse material, a fim de facilitar a aprendizagem do referido conteúdo, resumos, resenhas e fichamentos foram realizados com a finalidade de que seus resultados fossem incorporados à redação final do referido trabalho monográfico.

Por fim, chegou-se a conclusão, neste trabalho, que a escola é um lugar praticado, representado e demarcado por afetos, sentimentos e memórias daqueles indivíduos que a dotam de significado, caracterizando-se também por ser uma figuração, conforme se observa a partir das constatações de Elias (2008), constituindo-se como instituição em que mudanças e

permanências sociais são vividas, tomando-se a própria escola, na condição de lugar, como objeto e *locus* de pesquisa na área de Educação, a fim de que seja compreendida a sua importância social e transformações pelas quais vem passando no decorrer da trajetória humana.

2 O CONCEITO DE LUGAR NA PERSPECTIVA DE DIFERENTES AUTORES (AS)

Lugar: palavra que suscita diferentes interpretações, sendo diretamente derivada da ideia de espaço. Lugar é um termo que se caracteriza por ser utilizado em diversas ciências. Espaço e lugar são conceitos heterogêneos, que se encontram relacionados a áreas do conhecimento como a Matemática, mais especificamente no campo da Geometria, além de áreas como a Arquitetura, a Geografia entre outras. Mas, o que seria o espaço, e por conseguinte, o que seria lugar? O objetivo específico desse item de nosso trabalho é o de investigar o conceito de lugar numa perspectiva interdisciplinar, identificando como diferentes autores de diversas áreas de estudo tratam a respeito desse conceito seminal para a nossa análise.

O termo espaço abarca mais de uma maneira de interpretação, associando-o a diferentes ideias. Martins Neto (2011) atenta não somete para o conceito de espaço em si, mas para o fato deste ser um balizador de outros conceitos caros a ciências como a Geografia. O espaço pode ser concebido, conforme elucida Lefebvre (*apud* Martins Neto, 2011) como o *locus* onde as relações sociais de produção se desenvolvem.

Suertegaray (2001) reitera que o espaço se caracteriza por ser um termo abrangente, que se constitui como uma noção surgida de diferentes lógicas interpretativas e que dão origem a outros conceitos, a exemplo de território, paisagem, lugar e ambiente, alertando que cada um desses termos: “(...) expressa uma possibilidade de leitura do espaço geográfico delineando, portanto, um caminho metodológico” (SUERTEGARAY, 2001, p.8).

Outra interpretação possível para o entendimento do conceito de espaço é a ideia de paisagem, concebida como “(...) a expressão materializada das relações do homem com a natureza num espaço circunscrito” (SUERTEGARAY, 2001, p.08). A noção de paisagem é passível de ser interpretada numa dupla perspectiva: a de paisagem natural e a de paisagem humana, ou seja, aquela que sofreu diretamente a intervenção do ser humano. De tal divisão se origina a interpretação de paisagem do ponto de vista de sua forma e funcionalidade, ou seja, da perspectiva dos usos que os humanos fazem dela, bem como sua organização e suas modificações.

Ainda com relação ao conceito de paisagem, Tuan (1983) toma o lugar na condição de espaço representativo de um ponto de referência, seja ele qual for, e não tão somente na condição de paisagem circunscrita, sendo esta o fragmento do espaço. Este fragmento, por sua vez, pode ser registrado numa imagem, por exemplo, tal como ocorre na fotografia, conforme explicita Kossoy (2012).

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da *paisagem* e, portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social *da paisagem urbana*, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível (KOSSOY, 2012, p. 167-168 [grifos nossos]).

Ainda no que diz respeito à paisagem, observa-se que esta se apresenta como um dos elementos que compõem o lugar, entendendo aqui que, para se compreender este último, deve-se “reconhecer os interesses envolvidos, as motivações, as lutas sociais, a capacidade de articulação das pessoas do lugar [o que] significa *ler além da paisagem*” (CALLAI, 2004, p.05 [grifo nosso]). Além disso, sobre a paisagem nos chama a atenção o entendimento de Santos (1981), evidenciando que a expressão urbana desse conceito é representada pela cidade, que demonstra ser formada por algo a mais do que tão somente elementos que a materializam.

De fato, a paisagem urbana pode ser definida como o conjunto de aspectos materiais, através dos quais a cidade se apresenta aos nossos olhos, ao mesmo tempo como entidade concreta e organismo vivo. Compreende os dados do presente e os do passado recente ou mais antigo, mas também compreende elementos inertes (patrimônio imobiliário) e elementos móveis (as pessoas e as mercadorias) (SANTOS, 1981, p. 173).

Na paisagem urbana encontramos os elementos humanos sem os quais não seria possível habitá-la, vivenciá-la e exemplificá-la em sua inteireza. A paisagem⁴ é entendida como um entre aqueles elementos que formam o lugar, unindo-se a ela a ideia de um conteúdo sinestésico que apela aos sentidos do corpo, a fim de torná-la parte da memória.

Porque é verdade que aquilo a que chamamos paisagem se desenvolve em torno de um ponto, em ondas ou em vagas sucessivas, para voltar a se concentrar sobre este único objeto, reflexo no qual vêm se dar, ao mesmo tempo, a luz, o odor ou a melancolia (CAUQUELIN, 2007, p. 22).

No que tange à interpretação do espaço como território, esta perpassa a ideia de apropriação, tomando-o como uma porção espacial em que se desenrolam as relações de poder, considerando-o como um espaço apropriado por um indivíduo ou grupos de indivíduos, animais ou humanos, que nele exercem a hegemonia tangenciada por seu uso exclusivo. A ideia associada aos territórios é, portanto, a de posse.

Já o conceito de ambiente, por seu turno, é comumente utilizado em alguns estudos que tomam como referencial as Ciências Biológicas. Este conceito foi, de acordo com

⁴ Para maiores entendimentos acerca do conceito de paisagem, bem como sua aplicabilidade – inclusive aliada ao sentido de lugar – recomenda-se a leitura de: COUQUELAIN, ANNE. **A invenção da paisagem**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

Suertegaray (2001), durante um tempo, concebido apenas como sinônimo de paisagem natural, quando, na verdade, não deve usar como referência apenas a questão da natureza, incluindo-se nesse entendimento o homem, grande responsável pelas alterações ambientais de diversos tipos.

Por promover diferentes interpretações e suscitar a derivação de outros conceitos, a noção de espaço é concebida como uma espécie de meta-conceito, como um elemento dinâmico de análise que, na concepção de Suertegaray (2001), é um termo uno e múltiplo ao mesmo tempo. Ainda sob esses auspícios desse conceito, Elias (1994 b) nos elucida a respeito daquilo que denominamos espaço.

(...) a sociologia exige a percepção e a representação simbólica dos processos, mas também a compreensão plena de que a localização dos factos pode ter lugar numa sequência de níveis diferentes de integração [não necessariamente lineares]. Consideremos a orientação no que designamos espaço. Pode ser representada por conceitos como largura, profundidade e comprimento. Mas, num nível superior de integração, também pode ser chamada pelo conceito de “espaço” e não é inverossímil que, no desenvolvimento da humanidade, conceitos como comprimento ou largura tenham precedido a integração superior representada pelo conceito de espaço. “Espaço” representa ainda uma integração a um nível inferior de concepção face ao conceito de “dimensão” que, implicitamente, indica que o espaço não é o único nível de orientação. A descoberta de que a orientação global de um facto no espaço exige também a sua determinação no tempo foi, como podemos lembrar, um acontecimento científico significativo. *A localização plena de um facto no espaço não é possível a menos que ela seja acompanhada da sua localização no tempo.* (ELIAS,1994b, p. 3[grifo nosso]).

Elias (1994b) entende que uma análise sociológica de um dado fato ou objeto deve ultrapassar a ideia que o concebe ligado apenas à ideia de espaço, restrita ao entendimento sobre as três dimensões – largura, profundidade e comprimento – somando-se a isso a ideia do tempo ocupando o que o autor convencionou chamar de quarta dimensão, sendo a mesma ideia de tempo um dos elementos representativos do que Elias (1994b) também denomina de quinta dimensão – a simbólica – da qual faz parte a linguagem, elaborada por meio da razão e da capacidade de abstração inerente aos seres humanos.

Dentro do campo conceitual aliado a essa perspectiva, encontra-se a ideia de lugar, que perpassa diretamente a questão da experiência humana, dos sentimentos e da ligação emocional dos indivíduos relativa a um dado local, pois “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Não há lugar como o lar. O que é lar? É a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria?” (TUAN,1983, p.3). Desse modo, compreende-se que o ser humano organiza o espaço e transmuta-o em lugar, destacando os fatores culturais como verdadeiros elementos balizadores de tal mudança.

As vivências culturais e afetivas dos indivíduos transformam a maneira como estes

interpretam o espaço, tomando-o como lugar. Assim, afirmamos que esta gradual mudança de percepção do espaço em lugar é permeada por características próprias e sentimentos dos indivíduos que intercambiam esta modificação, visto que o lugar

(...) é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem, como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. *Um lugar que é um espaço vivido*, de experiências sempre renovadas, o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro (CALLAI, 2004, p.1 [grifo nosso]).

Deslindando o que é o espaço e alguns dos conceitos que lhes são derivados, é possível interpretá-lo numa perspectiva que se relaciona diretamente a uma questão subjetiva e psicológica: o lugar, entendido como “(...) uma porção do espaço em relação ao qual se desenvolvem *afetos* a partir da experiência individual ou dos grupos sociais” (MARTINS NETO, 2011, p.2 [grifo nosso]). O lugar seria o espaço que desperta nos indivíduos a emoção, que os aproxima de uma noção de pertencimento, de enraizamento. O lugar é o espaço dotado de significado, que evoca a memória, os sentidos e os sentimentos, sendo interpretado como uma porção espacial diferenciada, dotada de valor.

Lugar é um conceito caro à Geografia, mas não exclusivo desta área do conhecimento. Por vezes, sociólogos (as), historiadores (as), antropólogos (as) e outros estudiosos (as) se apropriam do entendimento sobre esse conceito para investigá-lo sob a ótica de diferentes ciências. Um exemplo disso se dá na disciplina de História, com a compreensão que Certeau (2009) traz sobre o conceito de lugar, distinguindo-o da ideia de espaço a sua maneira.

Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha, portanto, excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é, portanto, uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (CERTEAU, 2009, p. 184).

Para Certeau (2009) a ideia de lugar denota fixação, estabilidade e constância. Essas características tornam o lugar distinto da fluidez, liberdade e transmutação que se configuram, segundo o entendimento que o autor traz, relativa ao espaço. Certeau (2009) enfatiza que estas são algumas das condições para que o espaço seja transformado em lugar, alicerçando-se no fato do último ser circunscrito e determinado. Já o espaço, para o mesmo autor, parte da ordem de um praticado, da experimentação pois, enquanto o lugar guarda e aguarda, o espaço

flui, tangencia, pratica. Para Certeau (2009), é do espaço que se emerge o fazer cotidiano e não do lugar.

O espaço estaria para o lugar como a palavra falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas e proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem, portanto, nem univocidade nem estabilidade de um “próprio”. Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres (CERTEAU, 2009, p. 184 [grifo nosso]).

Certeau (2009) concebe o espaço como fluidez e lugar como fixação. Na compreensão deste autor, ao lugar está imputada uma ideia de morosidade e imobilismo, a partir do entendimento por ele indicado. Mas, será que a concepção trazida pelo conceito de lugar reduz-se apenas à imobilidade e fixidez? O lugar é apenas o *locus* de permanências, sem que nele haja quaisquer resquícios ou ideias de transformações? O lugar é o espaço onde o fixo, o intransponível e a permanência formam a sua “razão de ser”? Isso dotaria o lugar de uma perspectiva interpretativa entediante, em comparação com o espaço? É apenas no espaço que estamos passíveis de testemunhar as mudanças?

A relação entre espaço e lugar é entendida por Certeau (2009) de maneira distinta e não de forma complementar. Para este autor, o que sinalizam as relações e os interesses entre o ser e o espaço são as práticas, que supostamente apenas se realizam para além daquilo que o lugar determina. De posse disso, preconiza que o movimento do indivíduo deve ser o de liberdade, em prol do espaço, e não o de fixação, em prol do lugar, pois concebe que “Os jogos dos passos moldam espaços, tecem os lugares” (CERTEAU, 2009, p. 163). Partindo desse pressuposto, ancora-se na ideia de que, para Certeau (2009), enquanto o espaço é transformado e adaptado pelos indivíduos, os lugares são fixados, tecidos, entrelaçados e compostos por essas adaptações.

É no intuito de questionar esse entendimento dicotômico entre espaço e lugar – e não complementar – dado por Certeau (2009) que Tuan (1983) nos oferta outra forma de se conceber a referida díade. Certeau (2009) corrobora, em parte, o pensamento de Tuan (1983), que não nega que o espaço é liberdade, mas enfatiza que o lugar não é tão somente a imobilidade. O lugar é, antes de qualquer coisa, afeição e segurança, sendo entendido como um espaço ao qual foi conferida uma identidade própria por meio das experiências que nele são vivenciadas e realizadas pelos indivíduos: “Quando o espaço nos é inteiramente familiar, torna-se lugar” (TUAN, 1983, p. 83).

Diferentemente da observância acerca da imobilidade ligada à ideia de lugar trazida

por Certeau (2009), Tuan (1983) preconiza que esse seja entendido como um repositório de experiências, sentimentos e memórias. Se para Certeau (2009) o espaço é um lugar praticado, ou seja, é um lugar que passou a ser dotado de significado, transformado em seus aspectos e características, para Tuan (1983) a percepção funciona exatamente ao contrário: é o lugar que se constitui como um espaço praticado, percebido como *lócus* dotado de singularidade, que destoa do que é considerado “geral”. Em outras palavras, um lugar apenas se constitui como tal quando apresenta importância para um determinado indivíduo ou grupo social, ou seja, quando agrega significado.

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. *O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida em que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.* Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locais do espaço. As ideias de “espaço e lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então o lugar é uma pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 6 [grifo nosso]).

Seguindo este raciocínio, indagamos: e qual seria o elemento responsável por aferir ao espaço a ideia de lugar? Percebemos que o elemento cultural pode se configurar como uma chave interpretativa que confere ao espaço significado, convertendo-o em lugar, de acordo com Tuan (1983). Os significados que os indivíduos conferem a um dado espaço podem transformá-lo em lugar de referência, de relevância e até mesmo de reverência, a exemplo do que ocorre nos templos espirituais e religiosos.

Para Tuan (1983) o lugar se diferencia do espaço por conta das experiências que os indivíduos nele vivenciam, perpassando momentos registrados nos meandros da memória e que fazem parte de suas culturas, visto que “um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva” (TUAN, 1983, p. 20). Através dessa ideia, Tuan (1983) aponta o fato de que não há oposição entre as categorias de espaço e lugar, diferentemente do que observa Certeau (2009). Na perspectiva de Tuan (1983), as noções de espaço e lugar não se opõem: se complementam. Eis a ideia de que um não existe sem o outro. Para cada movimento no espaço, há a necessidade de pausa do lugar. Para a imensidão a perder de vista do primeiro, há a necessidade de que um ponto fixo se instaure para denotar segurança, pois

Os seres humanos necessitam de espaço e lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade. No espaço aberto, uma pessoa pode chegar a ter um sentido profundo de lugar; e na solidão de um lugar protegido, a vastidão do espaço exterior adquire uma presença obsessiva (TUAN, 1983, p. 61).

Ao interpretar as perspectivas de espaço e lugar para Certeau (2009) e Tuan (1983), entendemos ambos como duas polaridades complementares e não opostas. O espaço é algo vasto, amplo, um “quase vazio”. Um lugar cria para além do espaço, ao ser apropriado por quem o dota de significado.

Expressando o conceito de espaço e seus derivados, percebe-se a necessidade de se trabalhar com a noção de lugar como sendo a de espaço praticado pois, no entendimento de Certeau (2009, p.185), “(...) a existência é espacial.”, ou seja, existir é estabelecer-se e, ao mesmo tempo, movimentar-se, modificando o lugar. Em outras palavras, transmutar o espaço em lugar é praticá-lo, vivenciá-lo, dotá-lo de significado.

Essa perspectiva de análise coaduna com a utilizada por Certeau (2009) ao tratar a diferenciação entre espaço e lugar, divergindo daquela proposta por Tuan (1983). Para o primeiro, o lugar está relacionado à inércia, a imobilidade, à fixação, enquanto o espaço é observado como um elemento dinâmico e, este sim, vivenciado a partir das práticas dos indivíduos. No entanto, observamos que há um ponto em comum entre a teoria de Tuan (1983) e a interpretação de Certeau (2009): a relação entre lugar e estabilidade, tanto no que se refere à orientação do indivíduo no espaço, quanto no que tange ao sentido daquilo que lhe é próprio e que lhe traz segurança.

O espaço se transforma em lugar a partir dos sentimentos e sensações que evoca, sendo o espaço praticado por meio das modificações e experiências que nele são vivenciadas, compartilhadas e motivadas pelos indivíduos que lhe conferem significado. Tuan (1983) atenta para o uso dos termos “espaço” e “lugar” de maneira a demonstrar que os mesmos não são sinônimos, mas que estão intimamente relacionados, apontando para a necessidade de que é preciso experienciar o espaço em suas mais diversas formas e possibilidades para que este se transforme em lugar, daí a importância da perspectiva da experiência, pois é através dela que um espaço é dotado de significados, de sentimentos, de sensações que perpassam o pertencimento, transformando-se, enfim, num lugar.

O que transforma o espaço em lugar é o significado que ele adquire para o indivíduo, no sentido daquilo que evoca. Isso ocorre quando a sua simples menção e existência ganha contornos que lhes são caros. Sendo assim, pode-se entender o lugar como o espaço sobre o qual foi adquirido valor. Os seres humanos dotam o espaço de significados, convertendo-o em

lugar, em algo que é caro para os indivíduos na perspectiva física, mas, sobretudo, na perspectiva de suas experiências, afeições, memórias e sentimentos.

Há uma relação entre experiência e lugar, enfatizando a contribuição da última para a construção dessa ideia, tomando o lugar na condição de espaço que é passível de ser experienciado e que passa a apresentar valor e significado para quem o vivencia. A experiência apresenta um caráter pedagógico de aprendizado e de acordo com Tuan (1983), deve-se compreendê-la como algo que porta em si,

(...) a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento (TUAN, 1983, p.10).

O caráter pedagógico da experiência perpassa o fato da mesma possibilitar ao indivíduo o contato com sentimentos, pensamentos e sensações que a ela estão interligados, apresentando uma relação direta com os sentidos humanos e o uso deles para descobrir o lugar, perpassá-lo, explorá-lo, conhecê-lo, a exemplo do que pode se suceder com a escola, entendendo-a não apenas como um local onde a educação formal acontece exclusivamente, mas sobretudo como um lugar eivado de significados para aqueles (as) que a constituem, trabalham, estudam e frequentam.

3 A IDEIA DE ESCOLA COMO LUGAR À LUZ DA SOCIOLOGIA ELIASIANA

O termo “escola” é uma palavra que apresenta diferentes definições, a começar pelo seu sentido denotativo. No dicionário Aurélio Buarque de Holanda, por exemplo, o verbete “escola” traz mais de dez significados. Escola pode ser entendida como sinônimo de uma corrente de pensamento científico, tal qual a Escola Metódica, dita Positivista que, na História, conforme enfatiza Reis (1999), tem como algumas de suas características a exaltação às fontes documentais e aos feitos dos chamados “grandes vultos” ou “grandes nomes” da História, a exemplo de reis, generais, figuras políticas etc. Há as escolas de natureza literária, filosófica e, para além do âmbito teórico-acadêmico, as famosas escolas de samba. A expressão “fazer escola” popularmente significa o mesmo de se dizer que um indivíduo ou grupo tem “discípulos e imitadores”.

De acordo com Sousa (2011, p.11), “*Escola* vem do latim, *schola* +(-lar) = Escolar: relativo à escola, que pertence à instituição escolar”. Desse modo, a escola pode ser entendida como sinônimo de lugar onde a instrução formal acontece, sendo comumente representada por um espaço dotado, em sua materialidade, por um prédio ou construção e por objetos e elementos utilizados para facilitar o processo de ensino-aprendizagem, a exemplo de carteiras, birôs, quadros, livros, estantes, cadernos e outros artefatos materiais que a caracterizam. Todavia, apesar dos elementos materiais citados, sem o componente humano a escola não funcionaria. Formam essa plêiade de elementos humanos relacionados à escola professores (as), funcionários (as), diretores (as) e estudantes que, literalmente, dão vida à escola, transformando-a em lugar.

La escuela es ante todo un sitio, un lugar, un edificio, un local. Llamamos “escuela” a una de las parcelas que resultan de la segmentación del espacio social. La función expresa e este lugar es que em él tenga lugar la enseñanza [...] (TRILLA, 1985, p. 35)⁵.

Atualmente, no Brasil, a escola é um lugar que se apresenta sob ameaça, dado os movimentos de caráter suspeito e que se apresentam como “apolíticos”, propondo reformas e supostas reestruturações pedagógicas. Um dos exemplos desse tipo de movimento é conhecido como *Projeto Escola sem Partido*⁶, cujos alguns de seus membros são entusiastas

⁵ “A escola é, antes de tudo, um lugar, um edifício. Chamamos ‘escola’ a uma das parcelas que resultam da segmentação do espaço social. A função expressa a este lugar é a de que nele se processe o ensino [...]” (TRILLA, 1985, p. 35).

⁶ Para maiores informações sobre o Anteprojeto de Lei que propõe o combate a uma suposta doutrinação que ocorre, na educação pública brasileira, sugerimos a leitura em <https://www.programaescolasempartido.org/> Acesso em 09 fev. 2019.

de práticas como o *homeschooling*⁷, em que os próprios pais prestariam a educação formal aos filhos (as), sem sair de casa⁸. Tal prática supostamente substituiria professores e, por conseguinte, a estrutura física e pedagógica de uma instituição escolar. O que essa tendência de pensamento não substitui é a integração, inclusão e intercâmbio de experiências que são capazes de acontecer entre as pessoas que fazem e formam a escola. Nesse sentido, Brandão (1995) alerta-nos para o fato de que

A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com as imagens que se tem uns e outros [...]. Mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer [...] (BRANDÃO, 1995, p. 12).

Nesse sentido, pensar, refletir e analisar sobre a instituição escolar, em especial no contexto da educação pública, reveste-se de fundamental importância, visando à construção de uma sociedade mais justa e igualitária, pois,

El discurso sobre la escuela podría ser inacabable: la pedagogía há hecho de ella su objeto privilegiado. Sin embargo, más allá de tendencias, metodologías y teorías escolares, lo que nos interesa ahora es únicamente ver a que podemos llamar “escuela”, sin forzar demasiado la palabra (TRILLA, 1985, p. 19)⁹.

As instituições escolares são, por excelência, lugares em que crianças, adolescentes e adultos recebem instruções relacionadas à educação formal, ao processo de ensino e aprendizagem capazes de lhes acompanhar por toda uma existência. No atual contexto pandêmico em que as sociedades brasileira e mundial ainda se encontram, a importância da escola vem sendo percebida, especialmente para os (as) estudantes de escolas públicas que, em vários lugares do Brasil, ainda se encontram alijados do ensino presencial e da convivência escolar devido a uma política nacional desastrosa no que tange às medidas

⁷ O *homeschooling* é um movimento mundial a favor da escolarização no ambiente doméstico da criança. Tal movimento encontra ressonância política, no Brasil, em apoiadores e entusiastas do governo do então presidente Jair Messias Bolsonaro, a exemplo da ministra das Mulheres e Direitos Humanos, Damare Alves. Para maiores informações sobre o movimento, vide o *site* <https://blog.keeplearning.school/conteudos/homeschooling-o-que-nao-te-disseram-sobre-ensino-domiciliar>. Acesso em 09 de fev. 2019.

⁸ No corrente ano, a despeito de todas as questões de defasagem no processo de ensino-aprendizagem advindos pela pandemia, o Projeto de Lei que descriminaliza o *homeschooling* foi aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados. Todavia, isso não significa ainda que tal prática está regulamentada no Brasil, tramitando outro Projeto de Lei para que isso efetivamente ocorra. Para maiores detalhes sugere-se a leitura de [https://www.camara.leg.br/noticias/771015-ccj-aprova-projeto-que-permite-homeschooling#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20e,casa%20\(o%20chamado%20homeschooling\)](https://www.camara.leg.br/noticias/771015-ccj-aprova-projeto-que-permite-homeschooling#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20e,casa%20(o%20chamado%20homeschooling)). Acesso em 18 nov. 2021.

⁹“O discurso sobre a escola poderia ser inacabável: a pedagogia fez dela seu objeto privilegiado. Porém, mais além de tendências metodológicas e teorias escolares, o que nos interessa agora é unicamente ver o que poderíamos chamar ‘escola’ sem forçar demasiado a palavra” (TRILLA, 1985, p. 19).

profiláticas e ao combate à pandemia do Covid-19, bem como atraso no processo de vacinação, inicialmente boicotado pela atual instância federal do Estado brasileiro.

Ainda sobre a importância da escola, em relatório endereçado ao Conselho Nacional de Educação a respeito das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (1998), há uma definição sobre escola que a apresenta como

[...] a agência que especificamente está dedicada à tarefa de organizar o conhecimento e apresentá-lo aos alunos pela mediação das linguagens de modo a que seja aprendido. Ao professor – pela linguagem que fala ou que manipula nos recursos didáticos – cabe uma função insubstituível no domínio mais avançado do conhecimento que o aluno vai constituindo. Estes, por sua vez, estimulam o próprio desenvolvimento a patamares superiores. (BRASIL, 1998, p. 49)

A escola se constitui como uma instituição cujas características vêm se modificando ao longo da História, passando da simplicidade dos debates ao ar livre nas antigas academias gregas aos suntuosos prédios onde são utilizados diferentes sistemas de aprendizagem. As modificações pelas quais essa instituição tem passado, no decorrer da História, abarcam aspectos que ultrapassam as mudanças apenas em sua estrutura física, conforme assegura Magalhães (2004).

A institucionalização da educação escolar como processo histórico desenvolve-se em várias fases, culminando no momento em que a realidade educativa deixa de ser pensada na ausência do marco escolar e em que a estrutura escolar apresenta uma internalidade complexa e identitária, associada a uma influência determinante na realidade (MAGALHÃES, 2004, p. 39).

É importante ressaltar que, apesar de ser a escola o lugar por excelência voltado ao processo de ensino, aprendizagem e instrução, devemos diferenciá-la da ideia de educação, mesmo estando ambas interligadas. A educação envolve uma perspectiva pedagógica mais abrangente do que a ideia de escola, sendo uma condição necessária à vida humana que não é efetivamente proposta apenas por esta instituição, mas pela sociedade em geral, podendo ser imposta ou esboçada de maneira dialógica, alteritária e democrática, conforme enfatiza Brandão (1995).

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou várias: educação? Educações. (BRANDÃO, 1995, p. 7).

A escola é apenas um entre os vários lugares em que a educação pode ser posta em prática, visto que uma família, uma aldeia, um povo, um país, um grupo social também se configuram na condição de instâncias educativas, porém de caráter não formal. A escola é o lugar que sistematiza um conhecimento reconhecido socialmente como necessário para a

formação intelectual do indivíduo. Assim, em se tratando de educação, a escola não é o único campo social em que ela acontece. Nela a educação formal apresenta uma posição de protagonismo, todavia o caráter formativo intrínseco a esse processo não lhe é exclusivo. Uma das comprovações desse pensamento está presente nos títulos I e II da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB (9394/1996) ao enfatizar em seus artigos 1º e 2º que

Art 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais [...]

Art 2º. A educação, dever da *família* e do *Estado*, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2018, s.p [grifo nosso]).

Vê-se que nos artigos da legislação supracitada há uma referência de que o campo educativo não é exclusividade da escola como instituição sendo ela, no Brasil, dever da família e do Estado, entretanto, quando se entende a ideia de educação formal como instrução, é a escola o ambiente em que esse processo se desenvolve por excelência, apresentando-se o prédio escolar como representação e materialização do lugar que é a escola. Nesse espaço o indivíduo tem a sensação de perpassar o interior e o exterior do lugar, caracterizando a escola como um espaço explorado e explorável, dotado de significados e afetos para quem o toma como *locus* de constituição de convivências, formação intelectual, humana e de histórias de vida.

Por ser um lugar de fundamental importância para a formação do indivíduo no decorrer da trajetória da humanidade, a escola é uma temática presente não apenas em trabalhos acadêmicos que se referem à área de Pedagogia, mas também é recorrente no âmbito da arte, da literatura ficcional de caráter nacional e internacional. São exemplos disso obras como *Tempos difíceis* (1854) de Charles Dickens, *O Ateneu* (1888) de Raul Pompeia, *Doidinho* (1933) de José Lins do Rego, *Cazuza* (1938) de Viriato Correia e a peça teatral *A aurora da minha vida* (1981), escrita e dirigida por Naum Alves de Souza.

Sobre os estudos acadêmicos que tomam por base a investigação acerca da unidade escolar, Nosella e Buffa (2013) enfatizam que as formas de investigar a escola, na condição de campo de pesquisa, têm se modificado, no âmbito dos trabalhos acadêmicos, relativos à área de Educação. Tais modificações tornaram-se perceptíveis por meio do uso de novas fontes e novas perspectivas teóricas, além de novas formas de se analisar a importância da unidade escolar, tomando-a como *locus* de pesquisa.

A escola pode ser entendida na condição de espaço planejado e organizado com a finalidade de abrigar atividades relativas à educação formal, conforme descrevem Dressen e Polonia (2007), tornando-se para o indivíduo um lugar de formação do intelecto e de aprendizagem, representada por conteúdos culturalmente organizados. A escola é considerada um lugar justamente por que nessa instituição se preservam determinadas memórias dos indivíduos, de suas vivências e histórias, sendo algumas delas relativas à infância e à adolescência, transformando-a de espaço a lugar em que diferentes processos de aprendizagem acontecem, inclusive, os aprendizados que se lançam para além da educação formal e perpassam as histórias de vida de alunos (as), professores (as), funcionários (as) e todos aqueles (as) que dotam a escola de funcionalidade.

A escola, no modelo que mais se aproxima do atual, origina-se, segundo Kowaltowski (2011), no século XIX, alicerçada nos parâmetros de pontualidade, disciplina e ordenamento, características que fazem referência direta ao modelo capitalista industrial da época. Inclusive, algumas escolas, nesse contexto, surgiram em fábricas, vilas operárias e proximidades, aditando peculiaridades industriais no que tange ao uso racionalizado do tempo, sendo este um dos elementos definidores do trabalho escolar.

A escola é ainda o lugar dos primeiros contatos sociais que estão para além do círculo familiar. Ela é o local onde relações de amizade são construídas, transformando-a em um lugar de diversão e integração, apesar de revestir-se também de seriedade e disciplina em outros momentos, convertendo-se em um lugar de estudo, ensino e aprendizado. É na escola e a partir dela que é possível lembrar-se de ocasiões que nela têm ou tiveram lugar de referência na sociedade, na condição de entendê-la como um espaço específico ocupado por um dado grupo humano. De fato,

Cada aspecto, cada detalhe, desse lugar tem um sentido que só é inteligível para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outros tantos aspectos diferentes da estrutura da vida de sua sociedade, pelo menos o que nela havia de mais *estável* (HALBWACHS, 2009, p.160 [grifo nosso]).

O lugar tem, para a memória, uma relação de importância proeminente. Percebendo-se isso a partir das observações trazidas por Abreu (2014), este pode ser comparado a um ponto de ancoragem: mesmo que o ser (indivíduo) esteja “à deriva”, como um naufrago, existirá esperança se ele ainda tiver onde se apoiar, mesmo que sejam os fragmentos do que outrora havia sido a sua antiga “embarcação” representada, nessa comparação como sendo o lugar. Ainda segundo Abreu (2014),

A memória individual pode contribuir, portanto, para a recuperação da memória das cidades. A partir dela, ou de seus registros, pode-se enveredar pelas lembranças das pessoas e atingir momentos urbanos que já passaram e formas espaciais que já desapareceram. A importância desse resgate para a identidade de um lugar é inquestionável (...) (ABREU, 2014, p. 35).

A escola, seja na cidade ou onde quer que esteja localizada, passa a se apresentar como um lugar onde os indivíduos produzem e vivenciam experiências, além de ser o ambiente em que relações de poder são perceptíveis, tornando-se assim um campo profícuo de investigação, pois “Conceitos como ‘família’ ou ‘*escola*’ referem-se essencialmente a grupos de seres humanos interdependentes, a configurações específicas que as pessoas formam uma com as outras” (ELIAS, 2008, p. 14 [grifo nosso]).

De acordo com a interpretação eliasiana, a escola se apresenta na condição de uma configuração ou figuração, que faz uma relação com outros lugares, a exemplo do bairro ou cidade onde ela se localiza. Esses lugares são marcados pelas interdependências entre os indivíduos que ali convivem diariamente, ocupando diversas funções, desempenhando papéis nos quais se alternam, estabelecendo ligações entre si, pois

(...) o significado do conceito de configuração (...) pode ser aplicado tanto a grupos relativamente pequenos como as sociedades constituídas por milhares ou milhões de pessoas interdependentes. *Professores e alunos numa aula*, médico e doentes num grupo terapêutico, clientes habituais num bar, *crianças num infantário* – todos eles constituem configurações relativamente compreensíveis (ELIAS, 2008, p. 143 [grifos nossos]).

As configurações são analisadas através das interdependências, que são sinônimo de relações ou mesmo ligações entre indivíduos. Tais relações se desenvolvem mediante a convivência em um determinado lugar e com um dado grupo social. Neste trabalho, os conceitos de configuração ou figuração e interdependências relacionam-se entre si, abrindo uma possibilidade interpretativa apontada por Elias (2008) justamente por serem conceitos dinâmicos, que demonstram em si o quanto a transformação social é real, premente e inerente ao lugar. Nesse sentido, entende-se que

As dependências recíprocas das pessoas não são obviamente sempre as mesmas em todas as sociedades nos seus vários estádios de desenvolvimento. Podemos, no entanto, tentar centrar-nos numa ou duas formas de dependência e mostrar resumidamente como é que as interdependências mudam à medida que as sociedades se tornam cada vez mais diferenciadas e estratificadas (ELIAS, 2008, p. 147).

Ao se analisar a escola como lugar percebe-se que essa instituição não apenas reproduz modelos culturais pré-estabelecidos, mas também produz uma cultura que lhe é própria, observada como algo socialmente perceptível e que se apresenta irradiando a sua

influência para além do espaço físico escolar, local para onde os indivíduos se dirigem para iniciar ou dar prosseguimento ao seu processo de formação intelectual, entendendo-se aqui a ideia de que a cultura, para Norbert Elias (1994a), se expressa a partir de sua relação com outro elemento – a ideia de “civilização”. Na obra *O processo civilizador*, civilização e cultura, sob a óptica eliasiana, são conceitos ligados a modelos cuja análise toma por gênese a perspectiva social. Esses termos acabam por se constituir na condição de

[...] conceitos de emprego comum no linguajar diário de uma dada sociedade. Este fato demonstra que não representam apenas necessidades individuais, mas coletivas, de expressão. A história coletiva neles se cristalizou e ressoa. (ELIAS, 1994a, p.26).

Partindo desse pressuposto, tanto a escola quanto qualquer outro espaço transmuta-se em lugar ao se tornar um espaço conhecido e praticado pelos indivíduos. Um lugar culturalmente dotado de significado e de características que lhes são peculiares. A escola é, portanto, uma espécie de lugar simbólico-cultural em que os indivíduos estabelecem relações mútuas e interdependentes entre si, onde aprendem, estudam, sentem, vivenciam, transitam, trabalham e disputam espaços.

Cidade, bairro, escola são exemplos de lugares e de figurações, conforme nos remete Elias (2008), em que se desenvolvem as interdependências que, por sua vez, provocam diferentes sentimentos nos indivíduos: da sensação de pertencimento à rejeição, do conforto ao desconforto, da aproximação ao distanciamento, do aconchego ao estranhamento. De tais sentimentos emergem vivências e emoções, registrados nas memórias instituídas em relação aos lugares pelos quais os indivíduos passam, se fixam e permanecem.

Na busca por um entendimento acerca da ideia de lugar, tem-se a cidade enquanto espaço possível de referência. Na tessitura de seus meandros, localizam-se outros lugares, a exemplo do bairro, que se pode converter em um espaço familiar que abarca as brincadeiras da infância, as descobertas da adolescência, passando pelas responsabilidades do adulto. Um bairro tanto pode ser interpretado como um espaço de trabalho, de lazer, de convivência como se apresentar na condição de espaço de construção do cotidiano. É ele o lugar de ancoragem para a formação de um grupo familiar que reside numa rua e que tem contato com vizinhos, que se fixa numa moradia, que convive em um local onde é possível caminhar, usufruir de lazer, trabalhar, matricular os filhos (as) numa escola etc. Todos estes locais, incrustados nos lugares de referência que são a cidade e o bairro, por exemplo, permitem ao indivíduo tecer relações ali, agregando um significativo cabedal ligado a elementos culturais e simbólicos.

Suponhamos que eu visito uma cidade desconhecida com um plano das ruas na mão. Neste caso, não devo hesitar em distinguir dois modos de existência. As ruas, as casas e as praças podem ser classificadas como realmente existentes. O plano da cidade é uma representação simbólica desta realidade. Neste caso, não é necessário duvidar da adequação entre símbolo e realidade [...]. Não é despropositado conceptualizar a relação entre uma cidade e o seu mapa como uma relação entre algo que realmente existe e algo que é meramente a sua representação simbólica (ELIAS, 1994b, p.3-4).

O indivíduo registra em suas memórias as mudanças e permanências pelas quais um lugar passa, identificando o que mudou ou continuou em sua paisagem. A percepção de tais mudanças e permanências contribui para a formulação de hipóteses sobre as transformações ocorridas neste local e os pontos deste que permanecem os mesmos ou não, o que pode levar os indivíduos a identificar as características de um lugar, os espaços de vivência e convivência, interligando-se a outros lugares que se encontram dentro de um dado espaço.

Um dos exemplos de lugares como este é a escola, equipamento frequentemente encontrado em um traçado urbano ou rural. Instituição que apresenta um papel fundamental no que diz respeito à instrução, a escola é vista como o estabelecimento onde se desenvolve o processo de ensino aprendizagem, apresentando-se na condição de equipamento em que

La transmisión del saber ocupa un lugar; e nun lugar se ocupan la transmisión del saber. De esta manera, la escuela se define a si misma como el lugar privilegiado y legítimo para realizar el tránsito del conocimiento (TRILLA, 1985, p. 35)¹⁰.

Desse modo, é possível perceber as intersecções entre escola e lugar, interpretando este último na condição de

[...] classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para outro: é um objeto no qual se pode *morar* (TUAN, 1983, p. 14 [grifo nosso]).

Para Tuan (1983), o lugar é um espaço caro ao coração, às vivências, à memória, sendo dotado de valor para quem nele convive e vivencia experiências, estabelecendo relações, expressas na aceção referente à frase “é um objeto no qual se pode morar”. Morar é residir. É estar, é fixar-se, é permanecer. Esta é a ideia da qual decorre não apenas a percepção física do lugar, posto ser possível “residir” ou “fixar-se” nele, existindo um sentimento de distanciamento e aproximação nas relações constituídas pelos indivíduos em um dado local: da casa da infância à rua onde se costumava brincar, da cidade onde se nasceu ao bairro em que se vivia, dos caminhos os quais o indivíduo percorria até chegar à escola onde se estudou.

A escola é um lugar por ser um espaço dotado de significado, sendo este conferido

¹⁰ “A transmissão do saber ocupa um lugar; em um lugar se ocupa a transmissão do saber. Da mesma maneira, a escola se define a si mesma como um lugar privilegiado e legítimo para realizar o trânsito do conhecimento” (TRILLA, 1985, p. 35).

pelos indivíduos que a formam e frequentam. Logo, a escola não constitui tão somente um espaço físico a ser preenchido por um grupo social que para ela ocorre em busca de conhecimento. A escola exemplifica, tal como a família, a universidade, o bairro, um exército, um time e uma nação, figurações ou configurações específicas, compostas por indivíduos que nelas exercem diferentes funções.

Numa palavra, cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, sejam de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela. Ela vive, e viveu desde pequena, numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita; vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal. E aí reside o verdadeiro problema: em cada associação de seres humanos, esse contexto funcional tem uma estrutura muito específica (ELIAS, 1994c, p. 22).

Elias (1994c)¹¹ propõe se pensar sobre a ideia de sociedade no sentido de compreendê-la como uma rede que apresenta funções desempenhadas por indivíduos que formam essa trama social e se integram uns aos outros. Aprofundando esta discussão na obra *A sociedade dos indivíduos*, o autor assenta as bases para que seja possível entender os dois elementos presentes em seu título – a ideia de sociedade e de indivíduos – como complementares e não como opostos. É nessa sociedade que está inserida a escola, observada não apenas como um prédio onde a educação formal acontece exclusivamente ou como mais um entre os inúmeros equipamentos urbanos que compõem a cidade, mas sim como um local de convivência constituído por indivíduos que conferem à instituição escolar este papel de lugar.

E, em meio à confluência entre as concepções de indivíduo e sociedade, que seria a escola? Ela se constitui apenas por um prédio onde aulas são ministradas e conteúdos escolares são repassados? Que relações nela se apresentam? Ancorando-se na necessidade de responder a esses e outros questionamentos toma-se, neste trabalho, a categoria interpretativa de lugar como

(...) o quadro de uma referência pragmática do mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 2006, p. 218).

¹¹ Neste trabalho monográfico utilizamos de algumas citações em três obras diferentes de Norbert Elias cujas edições, em língua portuguesa, foram publicadas no mesmo ano, o de 1994. São elas as obras *O processo civilizador (vol.1)*, *A Teoria Simbólica* e *A Sociedade dos Indivíduos*. Para que a banca examinadora e o leitor (a) possam perceber sobre qual texto a citação se refere, convencionamos que a primeira obra seria identificada como Elias (1994a), a segunda como Elias (1994b) e a terceira como Elias (1994c), conforme é possível notar também ao final das referências do trabalho.

Neste exercício interpretativo, a ideia de escola como lugar auxilia ao questionamento sobre em que medida este conceito é utilizado, contrapondo-se diversas e diferentes compreensões a este respeito, a exemplo de Certeau (2009), Tuan (1983), Nora (1993) e outros, conforme observado no item anterior de nosso estudo. Para tanto, em nossa pesquisa pretendemos relacionar os conceitos de lugar e de escola através de um entendimento proposto por meio da Sociologia Eliasiana. Com vistas a alcançar este intento, buscamos alicerçar tal análise através do debate sobre o conceito de lugar, perpassando este entendimento junto a uma interpretação dos escritos de algumas das obras de Norbert Elias, a exemplo de *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*, *A Sociedade dos Indivíduos*, *Introdução à Sociologia*, *O Processo civilizador*, *A Civilização dos pais* e *A Teoria Simbólica*.

A obra *Os estabelecidos e os outsiders* foi publicada pela primeira vez em língua inglesa em 1965, sendo traduzida no Brasil nos anos 2000. No livro os autores levantaram informações que tomaram por base as observações realizadas numa comunidade inglesa operária. Nela Elias e Scotson (2000) analisam elementos que demonstram, através do método dedutivo, a relação entre grupos estabelecidos e outsiders existentes na comunidade supracitada, sendo este modelo figuracional, segundo os autores, encontrado em diferentes civilizações e grupos humanos, respeitando-se seus valores idiossincráticos e o período histórico aos quais se reportam.

No livro *Os estabelecidos e os outsiders*, produto de um estudo etnográfico realizado por Elias e John L. Scotson, a sociodinâmica da relação entre os grupos sociais está determinada por uma forma de vinculação o lugar de moradia, como tempo de residência e a idade das famílias. Neste trabalho, o leitor não apenas conhece a figuração específica formada pelos grupos de moradores da comunidade inglesa batizada pelos autores de Winston Parva, mas se coloca frente a um estudo sobre as formas de distinção, de tabus e autodomínios, e os padrões de superioridade social, que nem sempre são pautados pela riqueza. Aí, Elias põe em movimento a abordagem figuracional, em uma pequena escala, além de oferecer uma primorosa reflexão sobre usos dos conceitos sociológico clássicos no correr do tempo [...] (LEÃO, 2007, p. 85-86 [grifos da autora]).

Elias e Scotson (2000) apresentam sua pesquisa sobre estabelecidos e outsiders um estudo que acabou por divergir daquilo a que se propunha originalmente: o fato de investigar os índices de delinquência juvenil registrados na referida comunidade, formada por uma vizinhança composta por três localidades (chamadas pelos autores de Zona 1, Zona 2 e Zona 3), em que os moradores de dois desses lugares (Zonas 1 e 2) se auto reconheciam de forma diferenciada dos outros da Zona 3, considerados pelos primeiros como outsiders.

Em suas investigações sobre a comunidade de Winston Parva, Elias e Scotson (2000) analisam os grupos sociais que se apresentaram a eles durante o processo de observação participante: o primeiro grupo, considerado estabelecido e que se sente socialmente privilegiado, apresenta esta característica como algo que não faz menção única e direta ao *status* financeiro dos indivíduos, mas sim como elemento que está ligado a uma perspectiva social de espectro mais amplo, visto que os moradores das Zonas 1 e 2 de Winston Parva sentiam-se superiores aos demais por ocuparem o lugar bem antes dos outros habitantes da Zona 3, valorizando sobremaneira as porções onde esta ocupação havia ocorrido primeiro, ou seja, nas áreas mais antigas, coincidentemente, àquelas em que eles próprios residiam.

Os estabelecidos ocupavam essas áreas em detrimento daquela mais recentemente adensada, chamada de Zona 3, eivada de outsiders, ou seja, de indivíduos considerados diferentes por parte dos estabelecidos, apesar de nenhum elemento social tal como renda, cor da pele ou questões linguísticas e culturais distingui-los dos habitantes das Zonas 1 e 2. Nesse estudo, os autores apresentam informações sobre um grupo social e de um aglomerado de indivíduos residentes na comunidade de Winston Parva, identificando-os como *estabelecidos* e os demais moradores do lugar como *outsiders*, dando destaque, em suas análises, às relações de poder e as interdependências existentes entre ambos no local.

Para Elias e Scotson (2000), os estabelecidos reconhecem a si mesmos na condição de membros que compõem um grupo coeso, do qual não fazem parte os demais indivíduos, os outsiders. Estes, ao contrário dos primeiros, não apresentam a capacidade de se auto identificarem como membros de um grupo. A ausência do aspecto gregário entre os últimos acaba por se tornar mais um elemento que fortalece o *status quo* dos estabelecidos. O estudo de Elias e Scotson (2000) se apresenta como pesquisa de caráter seminal, visto que os autores propõem que as relações de poder e as interdependências entre os estabelecidos e outsiders registram-se não apenas em Winston Parva, mas no decorrer da história da humanidade, alicerçadas sobre elementos que perpassam características referentes ao ponto de vista econômico, racial, religioso, cultural e social, mas que não são explicadas/justificadas tão somente por isso.

A força da sociologia de Elias consiste em mostrar de modo empiricamente consistente o conteúdo universal dessa forma singular de relações de poder – em descobrir, como diriam os antropólogos, a contribuição inglesa, e de Winston Parva, para uma *teoria geral* das relações de poder (NEIBURG, 2000, p. 8 [grifo nosso]).

Uma das críticas feitas por Elias e Scotson (2000) na obra se alicerça no fato de que muitas das relações dos indivíduos em grupos sociais não são analisadas em sua inteireza,

sendo submetidas a interpretações reducionistas, levando-nos a refletir sobre a maneira que as interdependências entre os indivíduos se apresentam socialmente. Reflexão que, por conseguinte, nos leva a pensar sobre onde se origina o pensamento que um dado grupo humano (estabelecidos) confere a si mesmo, enfatizando uma suposta capacidade de acreditar ser superior a outro (outsiders).

Elias, então, elabora as categorias que põem as sociedades em um permanente equilíbrio de tensões, os estabelecidos e os marginais (outsiders), os aliados e os adversários de todos os tempos e formas da civilização. A matriz constitutiva das sociedades são as dependências recíprocas que ligam esses indivíduos uns aos outros. O conceito de figuração foi criado exatamente para superar as polarizações dos modelos de interpretação sociológica que colocavam os indivíduos acima da sociedade e a sociedade acima dos indivíduos (LEÃO, 2007, p. 85).

Os autores analisam elementos que demonstram, através de um caso que parte do particular para o geral, as relações entre os estabelecidos e os outsiders a partir de um lugar. Na obra este lugar de análise é a comunidade de Winston Parva, cuja investigação pautada na metodologia da observação participante e realização de escuta aos moradores dessa pequena comunidade inglesa acaba por se tornar um modelo interpretativo não apenas para aquele lugar específico, mas para diferentes grupos sociais. Elias e Scotson (2000) tomam o exemplo daquela localidade como um fenômeno cujo *modus operandi* pode se repetir em diferentes momentos e contextos, no decorrer da história da humanidade: “Pareceu útil permitir que o microcosmo de uma pequena comunidade esclarecesse o macrocosmo das sociedades em larga escala e vice-versa” (ELIAS E SCOTSON, 2000, p. 49).

De acordo com Elias e Scotson (2000), em Winston Parva, como em outros lugares, cada qual a seu modo, percebe-se que há uma disputa de poder em que indivíduos que formam grupos sociais antagônicos podem ser identificados. Uma parte desses indivíduos se reconhece como grupo, os estabelecidos, os indivíduos que constituem o grupo normativo que reporta a si mesmos a condição de detentores de um poder.

O outro elemento dessa relação é formado pelos outsiders ou pelos indivíduos que não se reconhecem enquanto grupo e que não se constituem como seguidores de normas e preceitos anteriormente constituídos, além de não serem, no caso de Winston Parva, os habitantes que ocuparam primeiro aquele lugar e, por isso, são considerados inferiores aos olhos dos estabelecidos, sendo percebidos até mesmo como uma ameaça para os primeiros, daí serem mantidos à distância por esses. A ênfase em conviver num dado espaço transformando-o em lugar, perpassando a afeição a determinadas áreas e aos seus moradores em detrimento de outras e, até mesmo, dos outros moradores, estabelece uma conexão dos

indivíduos com o local onde moram, vivem, trabalham e experienciam uma plêiade considerável de relações sociais.

Os próprios moradores que se reconheciam enquanto estabelecidos não o faziam por se pautar em aspectos de natureza econômica, racial ou algo equivalente, mas sim devido ao período de tempo em que viviam na comunidade de Winston Parva, ou seja, ao tempo que consideravam aquela comunidade como lugar, como seu lar. Com base nisso, os estabelecidos se vangloriavam de serem os mais antigos moradores do local, sendo eles mesmos os indivíduos que compunham as famílias de alguns habitantes das Zonas 1 e 2, em contrapartida aos habitantes da Zona 3, considerada como o lugar dos “recém-chegados”, dos “forasteiros”, dos outsiders.

Na visão de Elias e Scotson (2000), as observações sobre Winston Parva possibilitam torná-la uma espécie de modelo de análise aplicável a outras esferas, fazendo com que as observações referentes às relações entre os indivíduos existentes em diferentes lugares sejam percebidas de forma análoga a esta, repetindo-se nos mais variados contextos sociais e históricos, de modo que as relações de poder entre grupos antagônicos não são perceptíveis apenas através do poderio bélico, concentração de renda e de meios de produção, poder econômico, supremacia racial ou questões de gênero. O “padrão” de Winston Parva, lugar em que a diferenciação entre estabelecidos e outsiders ocorre sem que, necessariamente perpassa, de forma exclusiva, quaisquer dos elementos anteriormente citados como exemplo, pode ser repetido em outros lugares.

Compreender e desvendar a ideia de lugar através da Sociologia Eliasiana tem uma importância cabal para a análise da escola como lugar que realizamos neste trabalho. Para tanto, é preciso se apropriar da mensagem que o lugar porta em si, compreendendo seus significados e suas relações com os indivíduos. Nossa análise objetiva proceder a uma observação que ultrapasse o entendimento acerca de escola como um prédio erigido em pedra e cal ou como um local em que somente são ministradas aulas para alguns estudantes.

Com o fito de melhor conceber a ideia de escola, esboça-se uma análise sobre esta instituição social, tomando-a na condição de lugar. A transformação da escola e de outras unidades sociais em lugar constitui um processo cujo fator indispensável é o componente humano, assim como observamos que a comunidade de Winston Parva, estudada por Elias e Scotson (2000) só se constituía enquanto lugar por que os grupos sociais nela residentes – fossem estabelecidos ou outsiders – conferiam a ela importância. Em outras palavras, são os indivíduos que trabalham, estudam e frequentam um espaço físico aqueles que o apropriam enquanto lugar, sendo necessário ressaltar que

A afeição das pessoas por estas grandes unidades sociais é muitas vezes tão intensa como a sua afeição por uma pessoa amada. O indivíduo que formou esta ligação será tão profundamente afectado quanto esta unidade social, à qual está afectivamente ligado, for conquistada ou destruída, depreciada ou humilhada, como quando morre alguém amado. Uma das maiores lacunas das teorias mais antigas da sociologia contemporânea é o facto de investigarem essencialmente as perspectivas sociais do “eles”, quase não se servindo de instrumentos conceptuais rigorosos para investigar a perspectiva de “eu nós” (ELIAS, 2008, p. 151).

Quando se estuda sobre lugares é possível observá-los, na lógica de suas relações, na ordem do maior para o menor, a exemplo da cidade, do bairro e da escola, por exemplo, pois esta, na condição de lugar inserido num espaço, apresenta-se como um equipamento urbano em que há uma diversidade de indivíduos heterogêneos, complexos, únicos, estabelecendo diferentes relações sociais.

O mundo do homem não termina nas paredes da sala de estudo; além dela ficam, sucessivamente, o resto da casa, ruas, e referências da cidade, e outras cidades dispersas no amplo território do país, tudo isto mais ou menos ordenado na rede de coordenadas da qual o homem é o centro (TUAN, 1983, p. 98).

Desse modo, a escola se expressa não apenas como o espaço onde o indivíduo aprende sobre os conteúdos relacionados aos diversos componentes curriculares da educação formal, passando a constituir-se como um lugar onde as salas de aula, a quadra de esportes, os laboratórios e seus demais “cantinhos” são dotados de um significado especial, permeado pela afetividade, afeição, sentimento e até mesmo, em alguns casos, ressentimento pois o lugar “(...) é por sua vez definido por e a partir de *apropriações afetivas* que decorrem com os anos de vivência e as experiências atribuídas às relações humanas” (MARTINS NETO, 2011, p.02 [grifo nosso]). Nesse sentido, não há como a escola “passar incólume” às memórias do indivíduo que nela interage e vivencia experiências que lhes caras a sua formação – acadêmica e social – pela vida inteira.

Assim, diferentes partes da escola se transformam também em lugares, corroborando a compreensão trazida por Tuan (1983), na medida em que se rememoram as experiências que ali se passaram. Na escola os indivíduos são capazes de perceber a si próprios e aos “outros” desempenhando funções sociais as quais ocupam, sejam eles alunos (as), pais, professores (as) e funcionários (as). Esses indivíduos encontram-se unidos a partir de laços sociais que lhes são comuns, em um determinado lugar: a escola.

O que une os indivíduos não é o cimento. Basta pensarmos no burburinho das ruas das grandes cidades: a maioria das pessoas não se conhece. Um quase nada têm a ver com as outras. Elas se cruzam aos trancos, cada qual perseguindo suas próprias metas e projetos. Vão e vêm como lhes apraz. Partes de um todo? A palavra “todo” certamente parece deslocada, ao menos se seu sentido for determinado exclusivamente por uma visão de estruturas estáticas ou espacialmente fechadas, por

experiências como as proporcionadas pelas casas, as obras de arte ou os organismos. Mas há, sem dúvida, um aspecto diferente nesse quadro: funcionando nesse tumulto de gente apressada, apesar de toda a sua liberdade individual de movimento, há também, claramente, *uma ordem oculta* e não diretamente perceptível pelos sentidos. Cada pessoa nesse turbilhão faz parte de um determinado *lugar* (ELIAS, 1994c, p. 20-21[grifo nosso]).

Reportando-se à ideia de escola como lugar, percebe-se que os chamados “acontecimentos simples podem, com o tempo, se transformar em sentimento profundo com o lugar” (TUAN, 1983, p. 158). Os meandros da escola fazem parte da vivência daqueles (as) que por ela passam e passaram, sejam alunos (as), professores (as), funcionários (as) e demais indivíduos que exercem diferentes papéis em seu interior. A escola é percebida na condição de lugar “caro ao coração”, mesmo que sua função social primeira seja a de se apresentar como *locus* de instrução. Um elemento cultural que também auxilia no entendimento da transmutação da escola em lugar é a memória, evocando temporalidades que intercambiam o passado e o presente.

Há algo na disposição espacial que torna inteligível nossa posição no mundo, nossa relação com outros seres, o valor do nosso trabalho, nossa ligação com a natureza. Esse relacionamento cria vínculos que as mudanças abalam, mas que persistem em nós como uma carência (BOSI, 2009, p. 451).

E que lugar é este que a escola representa? É o lugar cuja sensação de pertencimento é desperta, onde a memória contribui para a consolidação da identidade dos indivíduos que por ela passam ou passaram. Lugar que é eivado de sentimentos, campo fértil para os afetos e emoções. Lugar em que as vivências e experiências dão a tônica de seu praticado: é um lugar que faz sentido e, por essa razão, é dotado de representatividade e significados.

Os lugares íntimos são tantos quantos as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são estes lugares? São transitórios e pessoais. Pode ficar gravados no mais profundo da memória e cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação [...] (TUAN, 1983, p.156).

É nessa perspectiva de análise que se considera a escola, a fim de que possa ser entendida também como um lugar de memória. No texto intitulado *Entre memória e história: a problemática dos lugares*, Nora (1993) demonstra que, assim como a História, na condição de ciência, baseia suas análises nos fatos, a memória o faz nos lugares. Os espaços podem se transmutar em lugares de guarda, em repositórios de memórias, conforme nos aponta Nora (1993) ao tratar sobre os “lugares de memória”. A noção de lugares de memória é uma contribuição de extrema importância para os estudos a respeito da memória coletiva que, por sua vez, não são exclusivos da área de História, perpassando outros matizes do conhecimento, a exemplo da Educação e da Antropologia. Nora (1993) explica que esses lugares fazem

menção e guardam as lembranças sociais, tais como os museus, bibliotecas, arquivos e lugares que exaltam as comemorações, a exemplo de monumentos, praças, estátuas¹².

É função dos lugares de memória, segundo Nora (1993), zelar simbolicamente por aquilo que a sociedade, em seu processo de aceleração, pode temporariamente desconsiderar. A esses lugares é necessário conferir um valor identitário atrelado à ideia de pertencimento. Para tanto, Nora (1993) não restringe os lugares apenas a locais geograficamente circunscritos, considerando como lugares de memória as festas, as comemorações, os processos, os monumentos, as bibliotecas, os cemitérios entre outros. Para o autor, os lugares de memória são necessários para evocar algo ou suscitar sensações que não estão mais presentes no cotidiano, mas que possuem a importância de resguardar a identidade e a cultura de um dado grupo social. Tais lugares passam a ser entendidos como verdadeiros

(...) bastiões sobre os quais [a memória] se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória (NORA, 1993, p.13).

Retornando à discussão a respeito da escola como um lugar, percebe-se que esta é um local que não é exclusivamente reprodutor de modelos culturais, mas que também produz uma cultura que lhe é própria, conforme enfatiza Libâneo (2001). Para este autor, a cultura produzida pela escola

(...) diz respeito ao conjunto de fatores sociais, culturais, psicológicos que influenciam os modos de agir da organização como um todo e do comportamento das pessoas em particular. Isso significa, tratando-se da escola, que para além daquelas diretrizes, normas, procedimentos operacionais, rotinas administrativas, há aspecto de natureza cultural que as diferenciam uma das outras, sendo que a maior parte deles não são claramente perceptíveis nem explícitos. Esses aspectos tem sido denominados frequentemente de “currículo oculto” mas que, embora oculto, atua de forma poderosa nos modos de funcionar das escolas e na prática dos professores. Tanto isso é verdade que os mesmos professores tendem a agir de forma diferente em cada escola em que trabalham, pois cada escola tem o seu modo de fazer as coisas (LIBÂNEO, 2001, p.58).

A escola, portanto, um lugar que apresenta uma cultura própria, em que os indivíduos buscam a instrução e estabelecem relações mútuas e interdependentes entre si, sendo um lugar em que se registram diferentes tipos de interações esses mesmos indivíduos, explicitadas de maneiras diversas, apresentando-se enquanto exemplo daquilo que Elias (2008) denomina de

¹² Para maiores informações a esse respeito, recomendamos a leitura de NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC. n.10, São Paulo: EDUC, 1993. p.07-28.

configuração ou figuração¹³. Tal conceito, quando aplicado à Educação, modifica a maneira de se interpretar o que é escola: de espaço onde a instrução acontece para um lugar em que diferentes momentos são vivenciados e experiências são postas em prática posto que “as instituições educativas, de forma particular e na sua dimensão sistêmica, são realidades dentro de uma outra realidade” (MAGALHÃES, 2004, p.62).

Destarte, a escola passa a ser entendida como um lugar onde os indivíduos experienciam relações de poder perceptíveis, em que se cumprem diferentes papéis sociais, tornando-se assim um campo fértil para uma investigação que une a Educação e a Sociologia proposta por Norbert Elias, a qual convencionamos denominar, neste trabalho, como Sociologia Eliasiana. A escola forma assim uma figuração em que as interdependências se expressam por meio de tensões e relaxamentos, aproximações e afastamentos. É o lugar em que os indivíduos estudam, trabalham e vivenciam experiências, fazendo-se necessário desvendar a maneira como as relações de interdependência acontecem junto a esses verdadeiros partícipes que se entrelaçam nessas relações.

Mais do que apenas um espaço de uso instrucional, a escola é uma instituição que apresenta uma trajetória que se imiscui ao lugar no qual ela está inserida, pois “(...) as instituições educativas desenvolvem uma identidade com base na *relação com o contexto*” (MAGALHÃES, 2004, p.68 [grifo nosso]). Tal contexto é passível de pode ser interpretado como algo que remete indubitavelmente a elementos sociais e culturais do local onde a instituição se encontra, compreendendo que “as instituições educativas constituem realidades em constante transformação interna no e pelo relacionamento com a realidade envolvente” (MAGALHÃES, 2004, p. 69).

A escola não deve ser considerada tão somente como “(...) um cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais no qual se situam os atores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem para executar um repertório de ações” (FRAGO E ESCOLANO, 2001, p. 26), mas sim como lugar, como representação de um local em que interações sociais intensas acontecem. Nesse contexto, a escola se transforma em um espaço em que “assistir aula” é apenas mais uma entre as tantas atividades possíveis de serem realizadas ali. Aquilo que a escola representa abarca a sua função social, a de instruir, mas para além disso, a torna um entre os vários “lugares memoráveis” de um espaço. A escola é, nessa perspectiva, um lugar onde tudo se torna “[...] cheio de significado. Muita coisa é

¹³ Na obra de Norbert Elias (1897-1990) os termos figurações e configurações são utilizados como sinônimos. Dessa forma, também utilizaremos nesse trabalho ambos os termos da mesma maneira. Para maiores detalhes, recomendamos a leitura de ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008.

aprendida, mas não [apenas] através da instrução formal” (TUAN, 1983, p.221).

A escola se apresenta na condição de uma entre as diversas instâncias sociais que podem ser citadas como exemplo de lugar. A escola é um ambiente em que a ideia de lugar se faz presente a partir do momento em que esta passa a ser percebida como um espaço praticado, dotado de significados e sentimentos, conferidos pelos indivíduos que nela estudam, trabalham, transitam e frequentam.

Na perspectiva de Elias (1994a), o indivíduo e a sociedade passam por um processo que conduz à adoção, transformação e, *pari passu*, à desconsideração de costumes, e alguns modos de agir, pensar, fazer e sentir em detrimento de outros. Nesse contexto, a escola se constitui como um entre os elementos culturais que corroboram o processo civilizador mencionado por Norbert Elias. A escola seria uma das instituições sociais encarregadas do processo de educação formal a fim de integrar um dado grupo a uma sociedade tida como adulta e civilizada. No entanto, Elias (2012) tece críticas a um modelo de educação institucionalizada, ao afirmar que

É possível discutir se os modelos atuais de educação escolar e universitária são apropriados como preparação dos jovens para a vida concreta que lhes espera em nossas sociedades. De fato, em muitos sentidos, não o são. Mas, dificilmente podemos duvidar da necessidade de se obter um horizonte de conhecimento muito amplo e uma capacidade muito diferenciada de autocontrole, da regulação afetiva, para poder se sustentar, enquanto adulto, em sociedades desse tipo e para poder cumprir funções voltadas para si mesmo e para os outros (ELIAS, 2012, p. 484-485).

Apesar de tecer críticas ao que considera ser um modelo de educação atual, Elias (2012) não o descarta por completo, bem como não invalida a escola, enquanto instituição, justamente por ser uma das instâncias que auxiliam os indivíduos no processo civilizador de uma dada sociedade. E quem são esses indivíduos que dão forma e funcionalidade à escola? São aqueles (as) que estão no seu dia a dia, nos afazeres cotidianos do lugar. Estão nas salas de aula e fora dela, na sala dos professores (as), nos corredores, na quadra de esporte, no refeitório, na diretoria e nos demais lugares que, juntos, compõem a instituição escolar como um todo. Esses indivíduos continuam a realizar seus trabalhos e assumir suas funções entre cadernos, livros, canetas, computadores, borrachas e apontadores, mas também nos momentos de ludicidade e brincadeiras que marcam o espaço escolar.

Esse grupo de indivíduos é formado por alunos (as), professores (as), funcionários (as), corpo diretivo e comunidade escolar, convivendo juntos para propor, por vezes, uma realidade escolar mais dinâmica e condizente com as necessidades dos (as) estudantes, em

especial no que se refere à busca por uma Educação Pública de qualidade, mesmo em tempos tão difíceis para a Educação Brasileira.

Além de ser um campo de pesquisa e análise de fundamental importância, a escola é, sobretudo, um lugar que visa à transformação social em relação a pontos que perpassam o processo educativo em sua totalidade, pois,

Constituindo em si uma atualização epistemológica estruturada nas relações sociais e de poder, integrando a própria teoria dessas mesmas relações e da sua mudança, em educação, a ação e a inovação tendem a sobrepor-se, coincidindo nos seus agentes, tempos, objetivos e resultados (MAGALHÃES, 2004, p. 15).

Professores (as), alunos (as), funcionários, corpo diretivo escolar e pais são indivíduos cujos entendimentos sobre a escola sofrem a influência de demandas sociais exigidas para essa instituição ao trabalharem, conviverem e apreenderem a transformar aquele espaço formal de educação e aprendizagem em lugar, atendendo às demandas necessárias para o alcance da qualidade e da excelência relativa ao processo de escolarização, no tocante àquilo que atinge à educação formal, pois, “ação dialógica, a educação é mudança duradoura, com sentido de futuro, é devir e construção” (MAGALHÃES, 2004, p. 20).

A educação é fator fundamental para balizar as grandes transformações da sociedade. Por essa razão, as reflexões que perpassam importantes temas sociais têm na escola um dos principais lugares de discussão e aprendizado, sendo esta instituição considerada como lugar também no sentido que Tuan (1983) destaca sobre o termo: a de ser um espaço dotado de representatividade e significado pelos indivíduos que o formam. Foi justamente nessa perspectiva, analisada à luz do que convencionamos chamar aqui de Sociologia Eliasiana, ou seja, derivada das ideias de Norbert Elias, que pretendemos estudar a escola como lugar neste trabalho. Esperamos ter atingido a contento tal objetivo, fomentando, inclusive, futuras discussões a esse respeito.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscou-se investigar a ideia de escola como lugar à luz da Sociologia Eliasiana, ou seja, àquela cujos preceitos metodológicos foram propostos sob a ótica investigativa de Norbert Elias, caracterizando-se por considerar conceitos como configurações (ou figurações) e interdependências, além de preconizar a complementariedade das noções de sociedade e indivíduo. Observou-se que, apesar de Elias e Scotson (2000) não desenvolverem um cabedal conceitual diretamente relacionado à categoria de lugar, os autores escreveram sobre um lugar – a comunidade inglesa de Winston Parva – trazendo a partir daí contribuições metodológicas e analíticas significativas para se estudar a respeito de diversos lugares, na condição de entendê-los como espaços praticados e dotados de significado pelos indivíduos que assim os representam.

De posse dessa perspectiva de entendimento sobre o lugar, bem como comentários e proposituras de outros (as) autores (as) relacionados a esse termo, percebe-se que a escola se constitui como lugar justamente por que o seu simbolismo e representatividade não se reduz apenas a seu papel social referente à instrução, quer seja o de se constituir como uma instituição onde a educação formal é repassada e o processo ensino aprendizagem ocorre, de forma sistemática. A escola é mais do que isso: é exemplo de figuração social em que diferentes interdependências ganham corpo, em que relações sociais são postas em prática, em que os indivíduos ancoram sentimentos, experiências e afetos. Logo, a escola é um lugar por ser dotada de significado para aqueles (as) que a compõem e fazem parte de seu corpo docente, discente, diretivo e comunidade escolar.

A escola é, por conseguinte, este lugar praticado, esse local onde a instrução ganha forma, sendo também considerada como *locus* privilegiado de pesquisa para a área de Educação, posto que acompanha as mudanças e transformações de uma dada sociedade, podendo ser caracterizada, de maneira análoga, como uma espécie de “espelho social” que reflète tais modificações, tornando-se sensivelmente afetada por elas.

Na atualidade a pandemia do Novo Corona Vírus (Covid-19) foi uma oportunidade em que se pôde comprovar a falta que o funcionamento pleno de uma instituição como a escola faz no dia a dia daqueles (as) que a constituem, a exemplo de estudantes, funcionários (as), professores (as) e alunos (as). Por um período de meses e, em algumas regiões do Brasil, até mesmo por mais de um ano, unidades escolares estiveram fechadas e o ensino remoto na Educação Básica brasileira veio sanar necessidades relativas a se atender ao distanciamento social, ao tempo que passou a contribuir para que os (as) estudantes tivessem acesso aos

conteúdos relacionados às respectivas turmas dos anos letivos em curso durante a pandemia (2020 e 2021), fazendo com que a sociedade brasileira como um todo perceba a falta que a escola, enquanto instituição, faz na vida de todos (as) aqueles que precisam dela como um lugar de aprendizagem e como um espaço de integração e desenvolvimento para crianças, jovens e adultos, demonstrando o quanto projetos educacionais que visam subjugar, “demonizar” ou mesmo abolir as práticas escolares e o lugar social de importância da escola sequer sustentam suas argumentações.

Lugar que baliza afetos, práticas e diversas considerações acerca do cotidiano do processo ensino-aprendizagem, é a escola uma instituição que pode ser estudada por meio dos conceitos caros à Sociologia Eliasiana, entendendo-a como espaço que pode ser analisado numa perspectiva relacional por fazer parte do tecido social e, ao mesmo tempo, representar um espaço praticado em que os sentimentos, afetos e construções simbólicas dos indivíduos que a compõem se fazem perceptíveis. São, portanto, os indivíduos que conferem à escola significado, tornando-a um lugar eivado de sentidos que ultrapassam a sua “simples” função social de instruir, auxiliando na constituição de uma cultura que lhe é própria e que, conseqüentemente, é por ela produzida: a cultura escolar.

Na busca de apontar para novos estudos que analisem a escola sob a ótica do conceito de lugar, faz-se necessário compreender como os indivíduos que a compõem a consideram nessa condição. Para tanto, como sugestão para futuras pesquisas, pode-se propor estudos em que esses mesmos indivíduos sejam ouvidos, identificando-se assim os fatores que os fizeram transformar a escola em lugar. Nesse sentido, sugere-se o uso da metodologia da História Oral e aplicação de entrevistas semiestruturadas como elementos metodológicos para atingir tal intento.

Desse estudo podemos concluir que, sendo a ideia de lugar algo constituído individual e socialmente, a observação da análise da escola como lugar configura-se como uma busca dialógica que abrange elementos pertinentes à Sociologia Eliasiana que, por sua vez, se expressa como uma vertente de análise convergindo para uma contribuição acerca da compreensão da ideia de escola como lugar, bem como na possibilidade de balizar outros estudos relativos à área de Educação, a exemplo daqueles que se propõem a descortinar as interdependências entre os indivíduos e a escola, bem como os que observam a organização e composição escolar, entendendo essa instituição enquanto um exemplo de figuração social.

Por fim, espera-se que essa pesquisa possa ser útil para fomentar outros trabalhos na área de Educação que tenham na escola o seu objeto e, ao mesmo tempo, *locus* de investigação, especialmente se esses estudos primarem pelas análises balizadas na Sociologia

Eliasiana e dos apontamentos que se ancorem nos métodos desenvolvidos por Norbert Elias em suas obras aqui utilizadas, como também em outros livros do mesmo autor, em que se possa identificar um alinhamento analítico direcionado à área da Educação.

Aliado a isso, são bem vindas as contribuições que abarquem a ideia de escola como lugar trazidas por outros teóricos da Educação, sejam eles (as) comentadores (as) ou estudiosos (as) que coadunem com o pensamento eliasiano ou não, a fim de que se abra e se alicerce um campo de pesquisas que tenha por objeto estudar as instituições escolares para que seja possível gerar novas e interessantes investigações a esse respeito.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. In: FRIDMAN, Fania; Haesbaert, Rogério (orgs.). **Escritos sobre espaço e História**. 1.ed. Rio de Janeiro, Garamond Universitária, 2014. p. 28-54.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIAS. **CCJ aprova projeto que permite *homeschooling***. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/noticias/771015-ccj-aprova-projeto-que-permite-homeschooling#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20e,casa%20\(o%20chamado%20homeschooling\)](https://www.camara.leg.br/noticias/771015-ccj-aprova-projeto-que-permite-homeschooling#:~:text=A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Constitui%C3%A7%C3%A3o%20e,casa%20(o%20chamado%20homeschooling)). Acesso em 18 nov. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 15 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

BRANDÃO, Carlos. **O que é Educação?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

BRASIL. **Relatório endereçado ao Conselho Nacional de Educação a respeito das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (1998)**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/PCB15_1998.pdf. Acesso em 14 set. 2021.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 2.ed. Atualizada até junho de 2018. Brasília: Senado Federal, coordenação de edições técnicas, 2018.

CALLAI, Helena Copetti. O Estudo do Lugar como Possibilidade de Construção da Identidade e Pertencimento. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Setembro, 2004. *Anais...* Coimbra: Universidade de Coimbra: 2004. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/HelenaCallai.pdf>. Acesso em 25 set. 2019.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: artes do fazer**. v.1. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

CERTEAU, Michel, GIARD, Luce e MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 6. ed. v.2. Petrópolis: Vozes, 2011.

COUQUELAIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Brasília: **Revista Paideia**, v.17, n.36, 2007. p.21-32.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol1. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994a. p. 09-59.

ELIAS, Norbert. **A Teoria Simbólica**. Tradução: Paulo Valverde. Oeiras-Portugal: Celta Editora, 1994b.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994c. p 7-31.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 2008. p.9-43; 140-159; 183-191.

ELIAS, Norbert. A civilização dos pais. Tradução: Bruno Gontyjo do Couto. **Revista Sociedade e Estado**. v. 27, n.º. 3, Setembro/Dezembro, 2012. p. 469-493.

FRAGO, Antônio Viñao e ESCOLANO, Agustin. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Tradução Alfredo Veiga Neto. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2001.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Editora Centauro, 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 4.ed revista. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

KOWALTOWSKI, Doris C.C.K. **Arquitetura Escolar**: o projeto do ambiente de ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011.

LEÃO, Andréa Borges. **Norbert Elias & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Editora Ática, 1991. p.5-76.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2001.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos**: História das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MARTINS NETO, Juvenal. **Conceitos de Espaço, Lugar e Território**. Disponível em <<http://www.webartigos.com/articles/34813/1/Conceitos-Espaço-Lugar-e-Territorio/pagina1.htm#ixzzlQmFjDEI2>>. Acesso em 03 jul. 2011.

NEIBURG, Francisco. Apresentação à edição brasileira: a sociologia das relações de poder de Norbert Elias. In: ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

NORA, Pierre. Entre a História e a Memória: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Projeto História**. n.10. São Paulo: EDUC, 1993.p.7-28.

NOSELLA, Paolo e BUFFA, Ester. **Instituições escolares: por que e como pesquisar**. 2.ed. Campinas-SP: Alínea, 2013.

OLIVEIRA, Juliana Barros de. **O Bairro de Jaguaribe: origens, ocupação e formas de uso do seu espaço**. João Pessoa, 2010. 70p. Monografia (Graduação em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2010.

OLIVEIRA, Juliana Barros de. **O Bairro de Jaguaribe na memória dos seus moradores idosos**. João Pessoa, 2012. 258p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História–PPGH, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2012.

OLIVEIRA, Juliana Barros de. **A Escola Entre-vista: uma análise das interdependências entre a Escola Estadual Professor João José da Costa e o bairro da Torre (1984-2019)**. João Pessoa, 2020. 301p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação–PPGE, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, 2020.

OLIVEIRA, Juliana Barros de. Do tempo aos tempos escolares: refletindo sobre tempo e escola numa perspectiva eliasiana. In: VIEIRA, Ana Flavia Braun; FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo (orgs). **Norbert Elias em debate: usos e possibilidades de pesquisa no Brasil**. Ponta Grossa-PR: Texto e Contexto, 2020 (Coleção Singularis) [livro eletrônico].

REIS, José Carlos. **A História, entre a Filosofia e a ciência**. 2.ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 5-25.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Manual de Geografia Urbana**. São Paulo: HUCITEC, 1981.p.171-183.

SOUSA, Jhon Alex Xavier de. Planejamento e Gestão Escolar. **Cadernos de Licenciatura em Ciências Agrárias** / Universidade Aberta do Brasil / Universidade Federal da Paraíba. Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias. Organizadores: Marcos Barros de Medeiros, Geralda Macedo, Luis Felipe de Araújo - Autor: John Alex Xavier de Sousa. Bananeiras-PB: Editora Universitária/UFPB, 2011. v. 6. Caderno Especial 04.

SUERTEGARAY, Dirce Maria A. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. n.93, julho de 2001. Disponível em <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>>. Acesso em 03 jul. 2001.

TRILLA, Jaume. **Ensayos sobre la escuela: el espacio social y material de la escuela**. Barcelona: Laertes S.A Ediciones, 1985. p.7-33.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Editora DIFEL, 1983.p. 03-57; 77-112; 132-150; 151-164; 179-224.

VEIGA, Cynthia Greive. Pensando com Elias as relações entre Sociologia e História da Educação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.) **Pensadores sociais e História da Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 145-172.

<https://blog.keeplearning.school/conteudos/homeschooling-o-que-nao-te-disseram-sobre-ensino-domiciliar>. Acesso em 09 de fev. 2019.